

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

PLANTAS E PODER: AS PALMEIRAS NO MODERNISMO BRASILEIRO

FERRAZ, Giovanna de Paula¹, CARMONA-RIBEIRO, Ana Carolina²

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista PIBIC, IFSP, Câmpus São Paulo, ferraz.giovanna@aluno.ifsp.edu.br

² Arquiteta, docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo, IFSP, Câmpus São Paulo; ana.carmona@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.04.01-9 Desenvolvimento Histórico do Paisagismo

RESUMO: A pesquisa investiga as representações e significados das Arecaceae, a família botânica das palmeiras, no contexto do modernismo artístico e arquitetônico brasileiro. Analisando expressões artísticas e literárias do modernismo paulista dos anos 1920 e 30, as manifestações arquitetônicas e paisagísticas da chamada “escola carioca” (anos 1930 a 1950) e estudos de caso de projetos paisagísticos significativos que utilizam as Arecaceae – como o Ministério da Saúde e da Educação, o Museu de Arte Moderna e o Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro, o “fórum vegetal” da Câmara dos Deputados em Brasília, e o “fórum de jervás” no Memorial da América Latina, em São Paulo. Busca-se entender se, no decorrer do século XX, as palmeiras ainda carregavam os significados de poder político e econômico que possuíam no século XIX, ou se o modernismo os transformava – procurando assim compreender a relação entre os imaginários botânicos e as mudanças sociais, culturais e políticas do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Palmeiras; Paisagismo; Modernismo brasileiro; Imaginário botânico.

PLANTS AND POWER: PALM TREES IN BRAZILIAN MODERNISM

ABSTRACT: The research investigates the representations and meanings of the Arecaceae, the botanical family of palm trees, in the context of Brazilian artistic and architectural modernism. It analyzes artistic and literary expressions from the São Paulo modernism of the 1920s and 30s, the architectural and landscape manifestations of the so-called “Carioca school,” (1930s and 1950s) and case studies of significant landscape projects that incorporate the Arecaceae – such as the Ministry of Health and Education, the Museum of Modern Art, and the Aterro do Flamengo in Rio de Janeiro, the vegetal forum of the Chamber of Deputies in Brasília, and the jervá palm forum at the Latin America Memorial in São Paulo. The aim is to understand whether, throughout the 20th century, palm trees still carried the political and economic power they symbolized in the 19th century or if modernism redefined these meanings – seeking, in this way, to comprehend the relationship between botanical imaginaries and Brazil’s social, cultural, and political transformations.

KEYWORDS: Palm trees; Landscape architecture; Brazilian modernism; Botanical imaginary.

INTRODUÇÃO

No decorrer do século XIX, as palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*), eram associadas à nobreza imperial e às elites cafejeiras, carregando significados de poder político e econômico, ao serem plantadas em aleias monumentais à frente dos casarões das fazendas de café (Peixoto, 2006). Em vista disso, a palmeira se estabelece como um “símbolo vegetal” (Ribeiro, 2020, p. 14), integrando os imaginários urbanos e influenciando os modos de perceber, pensar e sentir dos cidadãos. Procura-se fornecer uma compreensão mais profunda das transformações nas representações, usos, significados, formas de plantio e escolha de espécies de palmeiras pelo modernismo brasileiro, destacando como essas mudanças refletem as dinâmicas sociais, culturais e políticas da época.

Segundo Ribeiro (2020), as palmeiras são a planta favorita dos modernistas brasileiros, sendo representada por quase todos eles: apenas para mencionar alguns artistas estudados, Mário de Andrade (1893-1945) traz em suas obras menções a grande diversidade de espécies das Arecaceae e as aborda com ambivalência; Oswald de Andrade (1890-1954) as centraliza na narrativa histórica e cultural brasileira; Tarsila do Amaral (1886-1973) as interpreta como símbolos modernos de progresso; e Lasar Segall (1889-1957) as retrata realisticamente, destacando sua grandeza nas paisagens urbanas e rurais.

Além disso, a pesquisa investiga o papel das palmeiras na “escola carioca” de arquitetura, destacando a contribuição do paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994). As principais obras estudadas, quanto à representação, uso e significados das palmeiras, são o Ministério da Educação e Saúde (1936-1945), os jardins do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1954-1958), o Aterro do Flamengo (1965), o fórum vegetal de palmeiras imperiais (1958-1960), junto ao Congresso Nacional, em Brasília; e o fórum vegetal de jerivás (*Syagrus romanzoffiana*) no Memorial da América Latina (1989), em São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tendo em vista uma abordagem crítico-projetual sobre o papel das palmeiras na cultura brasileira, o método do trabalho estruturou-se em dois eixos principais. O primeiro consistiu na revisão bibliográfica e iconográfica, abordando as seguintes temáticas: a) o “primeiro modernismo” paulista (1920-30) e a representação das palmeiras em projetos paisagísticos de Mina Klabin (1896-1969) e Flávio de Carvalho (1899-1973), bem como a representação das palmeiras em autores e artistas renomados como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila e Segall; b) A “escola carioca” de arquitetura moderna, seus expoentes e princípios arquitetônico-paisagísticos, aprofundando nas contribuições do paisagista Roberto Burle Marx e sua visão em relação às palmeiras. O segundo eixo foi compreendido por estudos de caso de projetos arquitetônico-paisagísticos significativos, tendo em vista uma reflexão sobre os significados simbólicos assumidos pelas palmeiras, ao longo do século XX. Tais estudos foram feitos por meio de revisões bibliográficas e pela elaboração de sínteses gráfico-conceituais em pranchas contendo esquemas, desenhos e fotografias – analisando as diferentes formas de uso das palmeiras, em relação à escolha das espécies, às tipologias paisagísticas e de plantio e às relações estabelecidas entre a vegetação, as artes, a arquitetura e o desenho urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, surgiu da inquietação dos artistas que buscavam reinventar a arte e reimaginar o Brasil de forma independente das influências europeias (Ajzenberg, 2012). Naquele momento, a arte brasileira ainda seguia estilos tradicionais com forte influência acadêmica europeia, como o simbolismo e o parnasianismo na literatura, enquanto as artes visuais eram dominadas pelo naturalismo (Nascimento, 2012). Foram vários os artistas que participaram do evento, como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, enquanto outros se juntaram aos debates nos anos seguintes, como Tarsila do Amaral e Lasar Segall.

No livro de poemas *Pau-Brasil* (1925), de Oswald, as palmeiras ocupam um lugar central na narrativa, simbolizando inicialmente a exploração do Brasil pelos colonizadores. Elas são descritas como parte de uma paisagem exótica, vista sob uma perspectiva eurocêntrica que enxerga o Novo Mundo como um paraíso a ser conquistado (Ribeiro, 2023). Com o avanço da narrativa, as palmeiras ganham novos significados, representando tanto a riqueza da flora brasileira quanto às transformações sociais e econômicas da década de 1920, período marcado por recessão econômica e crescente industrialização nas cidades. Quanto a Mário, na análise de obras como *Macunaíma* (1928), *O Turista Aprendiz* (1929) e *Poesias Completas* (1943), percebe-se que a visão em relação às palmeiras tem uma ambivalência e se transforma do início ao final dos anos 1920. Em *Macunaíma* há uma presença abundante e diversificada de palmeiras na narrativa, que reflete o seu compromisso em incorporar a diversidade da flora brasileira e a busca por romper com a hegemonia das palmeiras imperiais. Os escritos chegam a citar mais de 10 espécies de palmeiras, entre elas as inajás (*Attalea maripa*), ouricuris (*Syagrus coronata*), bacabas (*Oenocarpus bacaba*) e mucajás (*Acrocomia aculeata*). No *Turista Aprendiz* – escrito a partir das viagens de Mário ao Norte e Nordeste, no final da década de 1920 –, Andrade questiona a postura civilizada dos coqueiros, além de fotografar as palmeiras “rebaixadas” em relação ao arvoredo amazônico, ao invés ressaltar a sua monumentalidade e grandeza, como era comum (Cunha, 2016, p. 106).

Nas artes, Tarsila do Amaral foi pioneira na expressão da identidade cultural brasileira na arte moderna, nas duas fases de sua obra: a Pau-Brasil e a Antropofágica. A primeira fase é consequência do momento que passou em Paris, na França, e percebe que decide se tornar "pintora da própria terra" (Amaral apud Ribeiro, 2023, p. 71), buscando representar o Brasil em suas obras e destacando elementos de paisagem e vegetação. Em pinturas como *Palmeiras* (1925), linhas finas representam as palmeiras, e ocupam o espaço vertical inteiro da tela, evidenciando sua escala em relação aos outros elementos do quadro pintados, sendo elas mais altas que as montanhas, evidenciando o protagonismo delas em relação à paisagem. As palmeiras são como elementos-chave para transmitir uma sensação de lugar e identidade brasileira, conectando-se diretamente com a ideia de "índice de localidade" (Ribeiro, 2023, p. 26). Na fase Antropofágica, sua obra passa por uma transformação, tornando-se mais sintética e centrada na natureza, com a reconfiguração dos significados da palmeira para uma representação em que esta planta perde sua singularidade e excepcionalidade. Em *O lago* (1928), por exemplo, a pintora afasta-se de representações urbanas e humanas; as plantas assumem o papel de personagens e são protagonistas do quadro; a palmeira começa a se liquefazer, ficando deformada, se hibridizando com outras espécies.



FIGURAS 1 e 2: *Palmeiras* (1925) e *O lago* (1928). Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural

Na arquitetura, a Semana de 22 não teve grande influência, uma vez que havia um “descompasso entre a arquitetura e a vanguarda literária modernista” (Segawa, 2014, p. 43); não havia ainda exemplares de construções modernistas em São Paulo. Ainda assim, o evento teria demonstrado “uma predisposição de espírito por parte daqueles que se revoltaram contra a ordem estabelecida” (Bruand, 2010, p. 63). Logo, a Semana representou um primeiro passo para que houvesse uma base de clientes interessados em uma nova arquitetura. Nesse sentido, os arquitetos Gregori Warchavchik (1896-1972) e Rino Levi (1901-1965), escreveram manifestos que antecipam ideias do modernismo arquitetônico, como “Acerca da Arquitetura Moderna” (1925), onde Warchavchik propõe uma arquitetura racional, prática, com redução de elementos decorativos e nos quais as formas seguissem a função. Tais princípios são postos em prática na casa da Rua Santa Cruz (1928), em São Paulo – a primeira casa moderna do Brasil, para Bruand (2010). Um elemento importante da casa é a preocupação com a tradição nacional com a consideração do clima e da localidade. O jardim projetado por Mina Klabin Warchavchik (1896-1969) serve como um “laboratório” de experimentações (Perecin, 2003, p. 185), que estabelece uma conexão espacial com a casa, evidenciada pelas aberturas na arquitetura. Defronte da residência, a vegetação é plantada seguindo um critério espacial, alinhando-se ao desenho das aberturas da fachada (Perecin, 2003). São propostas combinações únicas na abordagem da flora, conferindo protagonismo às plantas nativas e tropicais, incluindo as palmeiras imperiais (Carboni e Ribeiro, 2018). As fileiras paralelas de palmeiras são destaque na composição botânica do projeto e seu uso na lateral esquerda do espaço do teatro, próximo à piscina da residência, tem a função de demarcar zonas distintas do jardim (Ribeiro, 2023). O uso das palmeiras nas laterais, portanto, sugere uma delimitação entre o espaço do teatro e o espaço do parque. Esta função demonstra a versatilidade das palmeiras, como elementos funcionais na organização do espaço, e opõe-se às formas tradicionais de plantio, em que as palmeiras imperiais eram usadas nas fachadas e como elementos arquitetônicos, para evidenciar a nobreza de uma família.

Flávio de Carvalho (1899-1973) foi outro notável arquiteto modernista. Poucos projetos seus foram realizados, como o conjunto de 17 casas em São Paulo e a sua própria casa na Fazenda Capuava

(1929-1938), localizada no interior de São Paulo. Descrevendo a casa como um "invólucro da natureza", na Capuava, Carvalho integra a construção ao ambiente natural; a arquitetura possui aberturas estratégicas para enquadramento das vistas rurais (Mazzucchelli, 2009, p. 34). Os jardins elevados na entrada e a piscina ladeada de duas fileiras de jervívás fazem a transição da residência para a paisagem circundante. Os altos jervívás são utilizados não apenas como elementos ornamentais, mas como elementos arquitetônicos que contribuem para a presença imponente da residência, a fim de exaltar a monumentalidade do volume arquitetônico proposto. Além disso, o projeto faz referências à arquitetura da antiguidade (civilizações da Mesopotâmia ou os Maias), onde a vegetação participava das estruturas construídas, aspecto reforçado pela utilização de vegetação em jardineiras e sobre as lajes da casa (Silva, 2019).



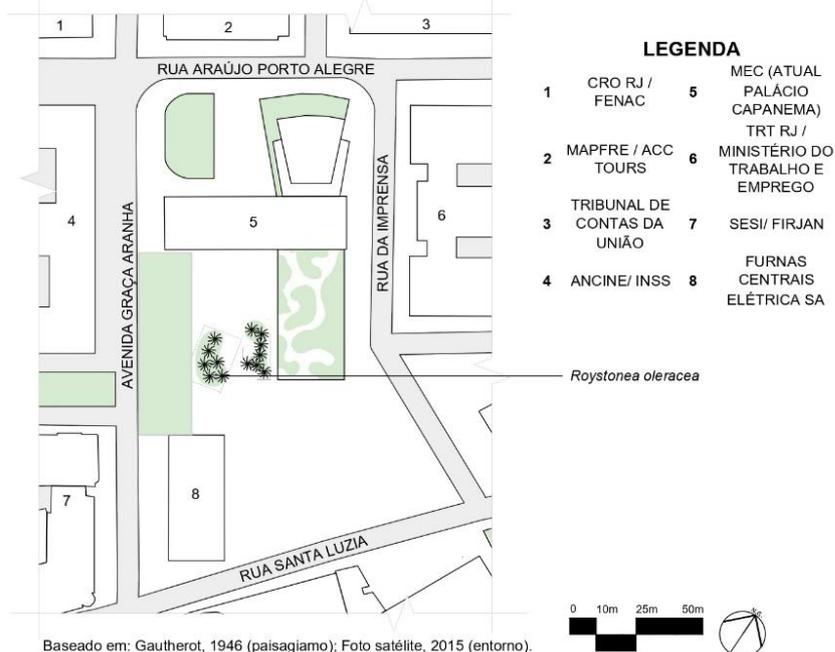
FIGURAS 3 e 4: Uso dos jervívás na Fazenda Capuava. Fonte: Nelson Kon (2018)

No Rio de Janeiro, entre a segunda metade da década de 1930 e a construção de Brasília, a arquitetura modernista fica conhecida como “escola carioca”. O projeto do Ministério da Educação e Saúde (1936-1943), elaborado por Lucio Costa (1902-1998) e uma equipe que incluiu o paisagista Roberto Burle Marx, é considerado um precursor dessa escola. A obra de Marx é marcada pela preocupação com a “alma brasileira”, pela pesquisa e cultivo de novas espécies botânicas, inclusive palmeiras, e pela valorização de elementos da tradição nacional. No projeto do MEC, as palmeiras estão presentes desde os estudos de Le Corbusier (1887-1965) e de Costa; na solução final, proposta pelo paisagista, as palmeiras são plantadas em grupos e integradas harmonicamente ao entorno e à paisagem carioca, conferindo-lhes um novo significado simbólico e funcional. Ainda que destacadas, as palmeiras também estão em relação com outras espécies vegetais, ultrapassando um sentido unicamente ornamental e dialogando com o ambiente natural, parte viva da paisagem.

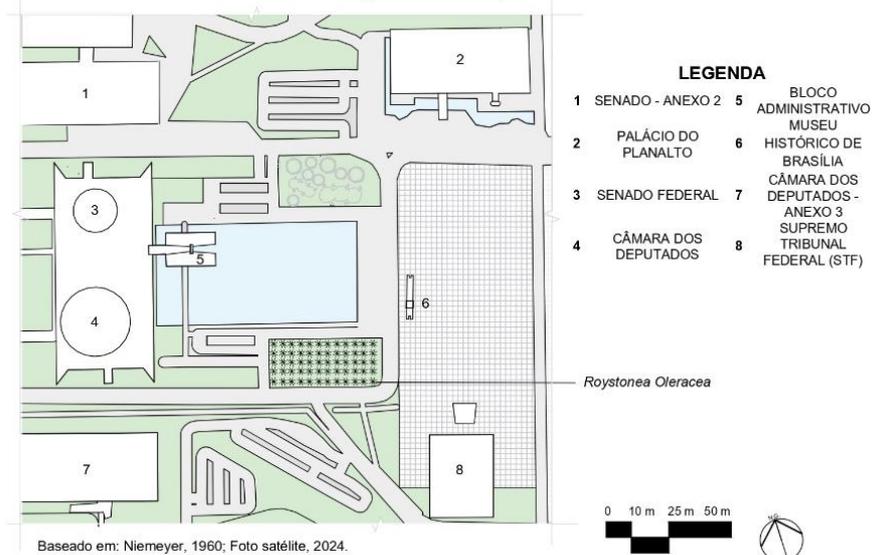
No projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1950-1958), Burle Marx planta as palmeiras imperiais de duas formas: em uma aleia que vem desde o estacionamento até o jardim do museu, e em grelha regular, plantadas em 7 x 6 indivíduos, que estamos chamando de “fórum”. Nesse projeto as palmeiras são usadas como elementos ordenadores do espaço, demarcam um espaço verde monumental e criam um contraste com a horizontalidade da arquitetura, sem interromper a contemplação das vistas (Marx, 1959, apud Bonduki, 2000). Marx também é responsável pelo paisagismo do Aterro do Flamengo, durante a década de 1960. Nesse projeto, em relação às palmeiras, Marx reafirma o compromisso com a diversidade de espécies, plantando cerca de 50 espécies de palmeiras, entre nativas e exóticas, agrupadas em grupos homogêneos (Dourado, 2009).

Outros dois projetos paisagísticos modernistas que usam as palmeiras são o “fórum” de palmeiras imperiais, em Brasília (1957-1960), e o “fórum” de jervívás, no Memorial da América Latina (1989), projeto de Oscar Niemeyer em São Paulo. Em Brasília, a proposta de Lucio Costa é possivelmente inspirada na proposta de Corbusier para o edifício do MEC, feito em 1936; as palmeiras criam uma espécie de ambiente ao ar livre, fazendo um contraponto horizontalidade do edifício do Congresso Nacional e do edifício Supremo Tribunal Federal. No Memorial, o uso dos nativos jervívás parece estar ligado à preocupação de usar elementos que reforcem a identidade latina que o Memorial traz. Os jervívás foram escolhidos por serem monumentais e rodeiam o edifício do Parlamento Latino-Americano, inaugurado em 1993, criando um ambiente de sombra em que os visitantes passam para acessar o Parlamento.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO (1936-1943)



CONGRESSO NACIONAL (1957-1960)



FIGURAS 5 e 6: Uso das palmeiras em projetos modernistas. FONTE: Autoria própria

CONCLUSÕES

A transformação do uso das palmeiras entre os séculos XIX e XX reflete mudanças significativas nas percepções acerca de seu status, prestígio e estética. No período imperial, as palmeiras imperiais, em aleias, imponentes e isoladas, simbolizavam poder nas fazendas de café, sendo associadas à nobreza. No entanto, ao longo do século XX, novas abordagens paisagísticas surgiram, questionando a tradição. Mário de Andrade, por exemplo, rompeu com a imponência da palmeira imperial ao valorizar outras espécies, incluindo palmeiras nativas, refletindo uma busca por uma identidade nacional mais diversa. Mina Klabin, por sua vez, usou a palmeira imperial para ordenar espaços sem associá-las necessariamente às construções; já Flávio de Carvalho introduziu espécies menores e nativas, como o jerivá, também explorando a diversidade das Arecaceae. Burlle Marx, por sua vez, ressignificou a palmeira imperial, destacando seu valor plástico e integrando-a de maneira inovadora em composições paisagísticas, ampliando também a gama de espécies de palmeiras utilizadas no paisagismo, com a sua

proposta para o Aterro do Flamengo. Assim, se no século XIX as palmeiras imperiais simbolizavam o prestígio e poder das elites e nobreza, com muitos projetos centrado-se no plantio da *Roystonea oleraceae*, no século seguinte a ênfase se desloca para a diversidade, a pesquisa de espécies nativas adequadas ao clima local, e a integração com o ambiente urbano (pensando-se também em novas configurações espaciais e de plantio para as palmeiras).

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Todos os autores, Giovanna de Paula Ferraz e Ana Carolina Carmona Ribeiro, contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

O presente projeto foi desenvolvido com apoio do PIBIC - CNPq.

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, E. A Semana de Arte Moderna de 1922. **Revista de Cultura e Extensão USP**, 2012. v.7, p. 25-29, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rce/article/view/46491/50247>. Acesso em: 27 nov. 2023.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 2010.

BONDUKI, Nabil (org). **Affonso Eduardo Reidy: arquitetos brasileiros**. Lisboa: Editorial Blau; São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2000.

CARBONI, Bianca Nascimento; RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. **Mina Klabin and modern landscape design in Brazil**. Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes, n° 2, v. 39, p. 154-174, julho de 2018.

DOURADO, Guilherme M. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. São Paulo: SENAC, 2009.

MAZZUCHELLI, K. **Flávio de Carvalho: o antropofágico ideal**. São Paulo: Almeida e Dale, 2019.

NASCIMENTO, E. A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico. **Gragoatá**, Juiz de Fora, 2015. n. 39, p. 376-391, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33354/19341>. Acesso em: 27 nov. 2023

PEIXOTO, Gustavo Rocha. A arquitetura do café: A cultura arquitetônica do café no Brasil Imperial. In: BICCA, Briane Elisabeth Panitz; BICCA, Paulo Renato Silveira (org.). **Arquitetura na formação do Brasil**. Brasília: Unesco, 2006, p. 204-213.

PERECIN, Tatiana. **Azaléias e mandacarus: Mina Klabin Warchavchik, paisagismo e modernismo no Brasil** (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. **Botânica modernista e a natureza do Brasil**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

RIBEIRO, Ana Carolina Carmona. **Pequeno guia da botânica modernista**. São Paulo, Ed. da Autora, 2020.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo, Edusp, 2014.

SILVA, William de Assis. **Flávio de Carvalho: arquitetura, paisagem e natureza**. 2019. Relatório PIBIFSP, Instituto Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.